



# Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 19/01 – 23/01



# Macroeconomia

No cenário internacional, a semana foi marcada por aumento da incerteza geopolítica e ruídos comerciais, especialmente envolvendo os Estados Unidos e a Europa. As ameaças iniciais de Donald Trump de impor tarifas sobre produtos europeus, ligadas à tentativa de ampliar o controle americano sobre a Groenlândia, elevaram a aversão ao risco e pressionaram as bolsas europeias em alguns momentos. Apesar do recuo posterior das tarifas e do discurso mais conciliador após conversas com a Otan, o episódio deixou claro que o risco político segue elevado e que a previsibilidade das relações comerciais permanece frágil. Ainda que os mercados tenham reagido positivamente ao alívio temporário, autoridades europeias reconheceram que o desgaste institucional pode ter efeitos duradouros sobre confiança e investimentos.

Do ponto de vista econômico, os dados dos Estados Unidos reforçaram um quadro de atividade ainda resiliente, mas com sinais de perda gradual de fôlego no mercado de trabalho. O PIB do terceiro trimestre veio forte, mas os pedidos de auxílio-desemprego seguem em níveis baixos e estáveis, caracterizando um ambiente de "baixa contratação e baixa demissão". Esse conjunto de dados mantém viva a expectativa de cortes de juros ao longo de 2026, o que ajudou a conter a valorização do dólar globalmente e sustentou o apetite por risco em Wall Street, que voltou a se aproximar de máximas históricas ao longo da semana. Na Ásia, o foco permaneceu na China, onde sinais de crescimento mais fraco e novas medidas de estímulo monetário mantiveram os mercados voláteis, mas sem provocar movimentos mais abruptos.

No Brasil, o destaque da semana foi a atualização do Boletim Focus, que confirmou uma leitura de desaceleração econômica gradual e inflação sob controle relativo. As expectativas de inflação para 2026 recuaram marginalmente, enquanto as projeções para os anos seguintes permaneceram estáveis, reforçando a percepção de ancoragem das expectativas. No campo monetário, o mercado segue projetando cortes relevantes da Selic ao longo de 2026, após o encerramento de 2025 em patamar bastante restritivo, o que sustenta a visão de política monetária ainda contracionista no curto prazo, mas com espaço para flexibilização adiante.

A atividade econômica doméstica continua projetada em ritmo mais moderado, com crescimento inferior ao observado em 2025, refletindo os efeitos defasados dos juros elevados. No câmbio, a combinação entre dólar global mais fraco, diferencial de juros ainda elevado no Brasil e o avanço do acordo entre Mercosul e União Europeia contribuiu para manter a taxa de câmbio em níveis mais apreciados, abaixo de R\$ 5,40 em parte da semana. Esse movimento ajudou a aliviar pressões inflacionárias no curto prazo e reforçou a percepção de melhora relativa no ambiente externo para ativos brasileiros, ainda que o cenário siga sensível a choques políticos e mudanças no humor global.

# Mercado Sucroenergético

Ao longo da semana, o mercado de açúcar manteve o tom defensivo que já vinha se consolidando desde o final de 2025, com negociações marcadas por baixa liquidez, dificuldade de sustentação de repiques e crescente sensibilidade ao fluxo vendedor. Após semanas operando praticamente no mesmo intervalo, o mercado mostrou sinais mais claros de fragilidade na segunda metade do período, quando o contrato Mar/26 rompeu suportes relevantes e passou a trabalhar abaixo de 15 ¢/lb, encerrando a semana próximo das mínimas recentes. Esse movimento reforçou a percepção de que ao longo da semana, o mercado de açúcar seguiu preso a um movimento lateral, sem sinais técnicos ou fundamentais capazes de romper de forma consistente o intervalo observado nas últimas semanas. As cotações oscilaram dentro de um canal bem definido, com resistência próxima dos 15 ¢/lb e suporte na região de 14,30–14,50 ¢/lb, refletindo a ausência de catalisadores de curto prazo e a percepção de conforto do balanço global.

Do lado fundamental, o clima no Centro-Sul brasileiro continuou no centro das atenções, mas com leitura mais equilibrada. Apesar de o acumulado de chuvas ainda permanecer abaixo da média histórica, os modelos mais recentes — especialmente o europeu e o COSMO — passaram a indicar um cenário menos adverso do que o inicialmente especificado. As precipitações recentes ajudam a mitigar parte do déficit hídrico e, somadas à maior renovação do canavial após as queimadas de 2024, sustentam expectativas razoáveis para produtividade e qualidade no ciclo 26/27, ainda que o quadro exija monitoramento contínuo.

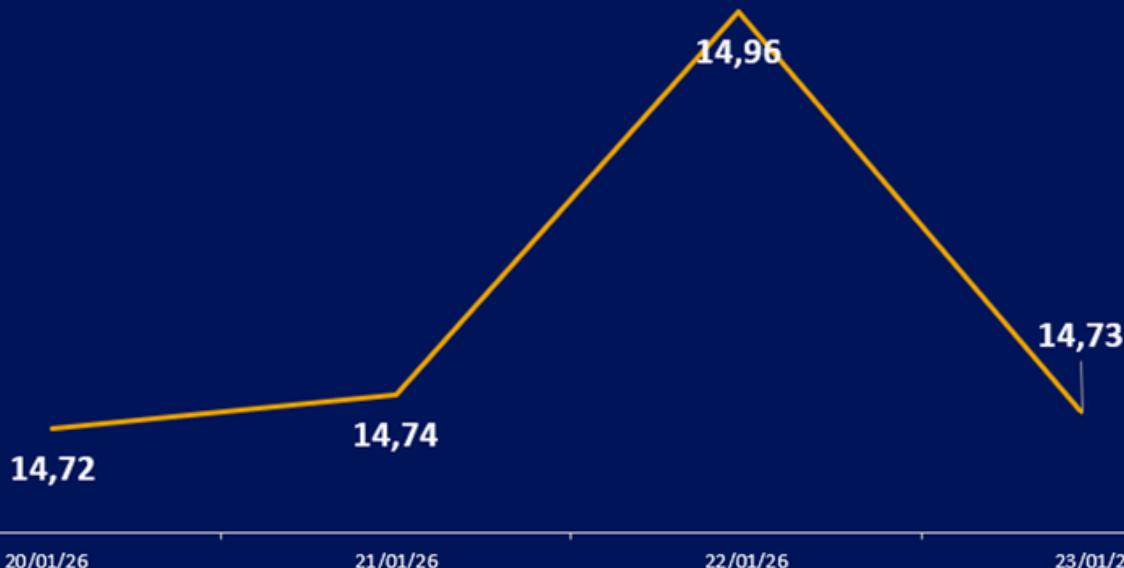
No encerramento da safra 25/26, os dados do Centro-Sul reforçaram a leitura de ampla disponibilidade no curto prazo. A moagem superou 600 milhões de toneladas, com a produção de açúcar acima de 40 milhões de toneladas, números que ficaram acima das estimativas iniciais do mercado. Mesmo com alguma incerteza sobre o volume final até março, o consenso é de que o acumulado deve se manter elevado, reduzindo qualquer risco imediato de aperto de oferta.

O etanol apareceu como um ponto de atenção marginalmente mais construtivo. As vendas de hidratado surpreenderam positivamente no fim do ano, levantando dúvidas sobre o nível dos estoques de passagem e oferecendo algum suporte pontual aos preços domésticos. Ainda assim, esse efeito tende a ser limitado no açúcar, sobretudo diante da expectativa de maior produção de etanol de milho e de um mix apenas levemente mais alcooleiro no início da próxima safra, sem impacto relevante no volume exportável.

No cenário internacional, a Índia segue como referência importante, mas os preços atuais não estimulam fluxos agressivos. A paridade de exportação indiana permanece acima das cotações em Londres, o que explica o baixo ritmo de vendas da cota autorizada. A China, por sua vez, aproveita os preços mais baixos para recompor estoques, mas de forma gradual, sem intensidade suficiente para alterar o balanço global no curto prazo.

Do lado financeiro, o comportamento dos participantes reforçou o viés defensivo. Os dados mais recentes do CFTC mostraram fundos especulativos ampliando posições líquidas vendidas, movimento mais associado à redução de posições compradas do que a novas apostas agressivas na queda. Em contrapartida, os comerciais continuaram fixando preços, sinalizando maior aceitação de níveis abaixo de 15 ¢/lb, especialmente em um contexto em que o câmbio ainda pode oferecer algum suporte em reais ao produtor brasileiro.

Em síntese, a semana confirmou um mercado sem urgência, marcado por oferta abundante, demanda contida e ausência de prêmio de risco. Houve momentos pontuais de recuperação, mas sem mudança estrutural. Enquanto o açúcar permanecer orbitando a região dos 15 ¢/lb, faltarão tração para um movimento direcional mais consistente, a menos que surja um choque climático relevante ou uma alteração significativa no fluxo global.



## Clima & Tempo

Na semana passada, chuvas frequentes, porém de curta duração, no interior de São Paulo mantiveram a umidade do solo superficial em níveis favoráveis, com baixo estresse hídrico, favorecendo a brotação das soqueiras. Nesta semana, a atuação da ZCAS desloca o núcleo mais úmido para Minas Gerais, deixando grande parte de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul relativamente mais secos, com janelas adequadas para trabalho em campo. Com o enfraquecimento da ZCAS ao longo da semana, a umidade tende a persistir sobre Minas Gerais e o leste de São Paulo, enquanto o interior passa a registrar chuvas abaixo da média e apenas pancadas isoladas. Esse cenário é positivo para o desenvolvimento radicular e a absorção de nutrientes, podendo favorecer a recuperação de TCH mais do que o acúmulo de sacarose, que segue limitado em áreas com maior umidade e nebulosidade.

No Centro-Sul, os modelos divergem: o europeu indica chuvas próximas da normalidade no interior e volumes mais elevados no leste da região, enquanto o americano sugere um padrão mais seco do oeste do Paraná ao oeste e noroeste de São Paulo, além de MS e MT. Para a cana, o cenário mais seco no oeste tende a favorecer o crescimento vegetativo, devido à maior radiação e temperaturas máximas mais altas, desde que a umidade do solo não se torne limitante. Já o corredor mais úmido no leste mantém boas condições hídricas, mas pode reduzir o ganho de biomassa por conta da maior cobertura de nuvens.

Do ponto de vista térmico, o Centro-Sul segue mais frio que o padrão para janeiro, com mínimas entre 5–15 °C no sul e 15–20 °C nas demais áreas, enquanto as máximas permanecem contidas, em geral entre 20–26 °C, sob influência de nuvens e chuvas. A partir do fim de semana, espera-se elevação gradual das temperaturas, com máximas retornando à faixa de 32–36 °C no interior mais seco do oeste, o que tende a reativar o ritmo de crescimento da cana, após um período de desaceleração associado às temperaturas mais baixas e menor radiação.